

SOCIOLOGIA

com Vivianne Catolé

Sociologia digital





SOCIOLOGIA DIGITAL

A Internet é uma rede, em escala mundial, com milhões de aparelhos conectados. Foi originada a partir de um sistema criado pelo Departamento de Defesa norte-americano para garantir que os Estados Unidos mantivessem uma rede de comunicações que nem mesmo um ataque nuclear seria capaz de destruir. Inicialmente com uso restrito a fins militares e acadêmicos, a partir de 1995 foi aberta ao grande público.



A **Sociologia Digital** analisa como a tecnologia molda estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas. No centro dessa transformação estão as big techs — Google, Meta (Facebook/Instagram/X), Amazon, Apple e Microsoft — que exercem poder hegemônico sobre os fluxos de comunicação, informação e capital. A seguir, um aprofundamento com dados de 2025:

ALCANCE E SOCIABILIDADE MEDIADA



Em abril de 2025, **5,64 bilhões** de pessoas — **68,7%** da população global — acessavam a internet; aproximadamente **5,31 bilhões** possuíam perfis ativos em plataformas sociais.

Usuários passam cerca de **143** minutos diários nas redes sociais

Ao mesmo tempo, plataformas incidem paradoxalmente: promovem hiperconectividade enquanto reforçam relações líquidas e isolamento emocional.

ECONOMIA DE DADOS E VIGILÂNCIA CAPITALISTA

Cada usuário gera cerca de **1,7 MB** de dados por segundo, somando bilhões de registros valiosos.

Google processa **3,5 bilhões** de pesquisas diárias, gerando **20 petabytes** de dados por dia.

Instagram recebe **70 milhões** de posts por dia, resultando em mais de **10 TB** de dados.

Essas informações compõem ecossistemas de coleta e análise que sustentam o que Shoshana Zuboff nomeia vigilância capitalista.

SOCIOLOGIA DIGITAL E AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS DA INTERNET

- * Novos processos de interação social e estilo de vida;
- * Interrelaciona pessoas de forma mais dinâmica que o rádio, TV e jornal;
- * Cria uma nova mentalidade e padrões de comportamento, além de novas formas de violência e funcionamento de instituições.

Manuel Castells, um dos pioneiros no estudo da sociedade em rede, enfatiza que a tecnologia não determina por si só as transformações sociais, mas expressa as relações e estruturas já existentes. Em sua obra *A Sociedade em Rede*, ele apresenta o conceito de espaço dos fluxos — um espaço social onde as informações e interações circulam em tempo real, ultrapassando barreiras geográficas. As redes digitais, segundo Castells, criam um novo tecido social, que possibilita a mobilização social em larga escala, exemplificada por movimentos sociais que utilizam as mídias digitais para ampliar suas vozes e ações.

“A GALÁXIA DA INTERNET” (2001)

“A internet não é uma tecnologia entre outras: é a matriz de um novo tipo de sociedade.”

A Galáxia da Internet, Castells propõe compreender a internet não como uma invenção técnica isolada, mas como uma infraestrutura sociotécnica que reorganiza profundamente a sociedade. Ele discute como a internet reorganiza negócios, cultura, poder, educação, comunicação e sociabilidade, dando origem a um novo sistema social: o capitalismo informacional.



A Internet como estrutura social

Castells argumenta que a internet é produto da cultura tecnocientífica do século XX, mas se tornou o meio organizador da sociedade do século XXI. A internet é uma infraestrutura descentralizada e interativa, que permite a autonomia dos nós (indivíduos, grupos ou instituições).

“ A internet é uma criação humana, mas sua lógica mola os processos sociais contemporâneos.”

A economia da internet: o capitalismo informacional

A internet propicia o surgimento de uma nova forma de capitalismo, baseado na informação, inovação e flexibilidade. Empresas do século XXI operam em redes globais, com produção descentralizada e mercados interconectados. O conhecimento e a capacidade de processá-lo em tempo real tornam-se as principais fontes de valor econômico.

Mídia, comunicação e sociedade

Os meios de comunicação tradicionais se fundem à lógica da internet, surgindo um novo ecossistema comunicativo digital. Essa fusão gera desintermediação: qualquer um pode produzir conteúdo, o que democratiza, mas também fragiliza critérios de veracidade (ex: fake news, bolhas de opinião).



SOCIEDADE EM REDE (1990)

A sociedade atual é estruturada em redes digitais de informação que conectam pessoas, instituições e mercados globalmente. Essas redes não têm centro fixo nem hierarquias rígidas, e operam de forma descentralizada e dinâmica.

“ A sociedade em rede é uma nova forma de organização social, centrada na lógica dos fluxos.”

LOCALIDADE E SOCIALIZAÇÃO

Localidade refere-se ao espaço físico, territorial, onde os indivíduos vivem suas experiências cotidianas, com laços afetivos, culturais e sociais concretos. Esse espaço ainda é importante na vida das pessoas, mas, com o avanço da tecnologia, especialmente das redes digitais, ele perde centralidade na dinâmica do poder, da economia e da comunicação.

“ A localidade torna-se marginal no sistema dominante, mas continua a ser a referência fundamental da experiência humana.”

Manuel Castells, A Sociedade em Rede



Ou seja, para Castells, as pessoas continuam a viver em locais específicos, mas os processos econômicos, políticos e culturais se desenraizam, operando cada vez mais em redes globais que transcendem os territórios.

Socialização, em Castells, refere-se à forma como as pessoas constroem relações sociais — e isso mu-

dou radicalmente com a internet. Ele argumenta que estamos diante de uma nova forma de sociabilidade: a sociabilidade em rede. Essa forma de interação é descentralizada, flexível, não hierárquica, e ocorre principalmente através de meios digitais.

A sociabilidade em rede não substitui os laços tradicionais, mas os reconfigura, permitindo novos tipos de pertencimento, identidade e ação coletiva.

“ A cultura da virtualidade real redefine o espaço e o tempo da sociabilidade humana.”

Manuel Castells, A Galáxia da Internet

Castells não vê essa nova forma de sociabilidade apenas como alienante (como alguns teóricos críticos fazem), mas como ambivalente: ela pode tanto fortalecer a autonomia individual e a solidariedade global, quanto gerar fragmentação e superficialidade nas relações.

Tempo atemporal

A sociedade em rede não apenas altera o espaço, mas também o tempo.

Surge o tempo atemporal, em que eventos ocorrem simultaneamente, sem sequência linear.

A lógica digital quebra a noção tradicional de tempo cronológico.



Nova economia informacional e global

A economia moderna é baseada no conhecimento e na informação como principais recursos produtivos. Trata-se de uma economia informacional, global e em rede, marcada por flexibilidade, inovação contínua e exclusão dos que não se conectam.

O CIBERESPAÇO

Novo lugar de sociabilidade criado em conjunto com novas formas de relações sociais, com códigos, estruturas e especificidades próprias.

Importante: esses novos códigos não são necessariamente completamente inéditos, mas sim uma reformulação das possibilidades já conhecidas de sociabilidade, tanto de espaço/tempo virtuais.

“CIBERCULTURA” (1997)

“ Cibercultura é a cultura contemporânea mediada pelas tecnologias digitais de comunicação e informação.”

A obra “Cibercultura” (1997), do filósofo francês Pierre Lévy, é uma das mais influentes na análise das transformações culturais e sociais provocadas pela digitalização da comunicação.



Pierre Lévy é um pensador fundamentalmente otimista, mas não ingênuo. Ele reconhece que a cibercultura traz riscos — como a fragmentação social, a vigilância ou a superficialidade — mas aposta no potencial da inteligência coletiva para reinventar a democracia, a educação e a cultura.

VIRTUALIZAÇÃO

“ Virtualizar é deslocar o centro de gravidade de uma função fora do suporte físico que a realiza originalmente.”

Virtualizar não significa tornar algo irreal ou falso. Para Lévy, é um processo de desmaterialização e reconfiguração do real, onde funções, papéis, objetos e relações se deslocam de suportes fixos para ambientes abertos e dinâmicos.

A virtualização permite a criação de novos espaços de interação, sem as limitações do tempo e do lugar.

INTELIGÊNCIA COLETIVA

A inteligência coletiva é a capacidade de reunir o conhecimento de múltiplos indivíduos, potencializada pelas redes digitais. Refere-se à capacidade das redes digitais de agregar saberes de múltiplas pessoas em tempo real, favorecendo a colaboração e a aprendizagem mútua. A internet é vista como uma ferramenta para o compartilhamento do conhecimento, onde todos são, ao mesmo tempo, emissores e receptores de informação.

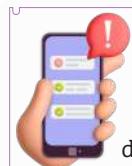
Essa ideia rompe com o modelo vertical e centralizador de produção de conhecimento, típico das sociedades industriais, e propõe uma cultura participativa, aberta e colaborativa.

“ Ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, tudo está disponível na rede.”



HIPERTEXTO E NAVEGAÇÃO

Lévy destaca que a cibercultura substitui a linearidade do texto tradicional por uma navegação em rede. O hipertexto — base da linguagem da internet — rompe a lógica sequencial e propõe uma forma de leitura não-linear, associativa e interativa.



“ No hipertexto, o leitor deixa de ser passivo. Ele se torna coautor do percurso da leitura.”

Implicações educativas: desafia o modelo tradicional da escola, que prioriza conteúdos fixos e sequenciais; exige desenvolvimento de habilidades de curadoria, interpretação e pensamento crítico.

“ O hipertexto redefine a noção de leitura, agora mais fragmentada e não-linear.”

RECONFIGURAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS

A cibercultura promove novas formas de sociabilidade. Relações interpessoais, vínculos afetivos, identidades e até militâncias políticas passam a se construir em redes digitais. Lévy não vê isso como um empobrecimento, mas como uma transformação de escala e de natureza.

“ A cibercultura não suprime a presença física, mas a coloca em nova perspectiva.”

UNIVERSALIZAÇÃO X TOTALIZAÇÃO

“ Na aurora do dilúvio informacional, talvez uma meditação sobre o dilúvio bíblico possa nos ajudar a compreender melhor os novos tempos. Onde está Noé? O que colocar na arca? No meio do caos, Noé construiu um pequeno mundo bem organizado.”

O dilúvio informacional parece que cria o caos: ‘A cibercultura reúne de forma caótica todas as heresias. Mistura os cidadãos com os bárbaros, os pretensos ignorantes e os sábios. [...] Suas fronteiras são imprecisas, móveis e provisórias’ (p. 238).

CRIMES CIBERNÉTICOS

* Utilizam dispositivos eletrônicos conectados para praticar ações criminosas, que geram danos a indivíduos ou patrimônios, por meio de extorsão de recursos financeiros, compartilhamento ilegal de dados, invasão de privacidade, estresse emocional ou danos à reputação de vítimas expostas na Internet;

* **Exemplos:** bullying digital, assédio, ataques à reputação, uso malwares para, por meio de engenharia social ou vulnerabilidades técnicas, provocar danos ou prejuízos financeiros.

* Dependendo do crime, a pena pode ser aumentada caso seja cometido na internet.

Lei Carolina Dieckmann: Nº 12.737/2012, apelidada de Lei Carolina Dieckmann, foi sancionada no dia 30 de novembro de 2012. A criação da lei se deu em virtude do caso da atriz que, na época do crime — teve sua intimidade violada após um grupo de hackers invadir seu computador pessoal e divulgar sem autorização 36 imagens íntimas pelas redes sociais, não recebeu amparo de uma legislação específica para a devida penalização dos criminosos. Considerada um marco inicial para a proteção dos dados pessoais dos cidadãos contra os criminosos virtuais, a legislação é vista no meio jurídico como bem-sucedida.



Outro amparo legal relacionado a crimes cibernéticos é o “Marco Civil da Internet”, que vigora desde 2014. Esse recurso tem a função de proteger os dados e a privacidade dos usuários na Internet, garantindo salvaguardas à proteção dos dados de cada cidadão perante a lei, além de oferecer formas para que vítimas que tenham sua privacidade exposta na web possam exigir a remoção do conteúdo.

CULTURA DO CANCELAMENTO

Você certamente já ouviu falar que alguém foi “cancelado” na internet. O termo “cultura do cancelamento” é um movimento que vem ganhando força desde 2012 e pode até decidir o futuro da imagem de uma pessoa ou marca. O conceito pode ser definido como o ato de boicotar um indivíduo, marca ou empresa depois do mesmo agir de forma censurável ou politicamente incorreta, especialmente em relação a questões como racismo, LGBTfobia, machismo e outros.



O contexto que fomenta esse fenômeno é caracterizado:

- * O mundo conectado em redes
- * Relações sociais tensas, produzidas ao longo de um processo que reproduz ambientes de desigualdades, exploração, preconceitos e violência.
- * Controle da palavra pública.
- * Entretenimento como política e o político como entretenimento.

“Cancelar” uma pessoa virou algo tão recorrente e praticado pelos usuários que, em 2019, o dicionário Macquarie, que todos os anos seleciona as expressões que mais caracterizam o comportamento humano, elegeu “cultura do cancelamento” como a expressão do ano.



**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

Escanei o Qrcode ao lado para ter acesso as referências bibliográficas



ANOTAÇÕES

Estamos juntos nessa!



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.